

Entrevista

Uma mulher positiva, feliz, de bem com a vida... Ideli Anselmi



Texto: Luciana Helena Mussi

Fotos: Alessandra Anselmi

Ideli Anselmi, solteira, uma filha, trabalha como voluntária na ONG Viva Melhor, em Santo André, no ABC Paulista. Trata-se de grupo de apoio e autoajuda às mulheres mastectomizadas, que atende em média a dez novas pacientes a cada semana, contando para isso com o apoio de 60 voluntárias. A ONG realiza atividades como empréstimos de perucas, doações de próteses confeccionadas pelas voluntárias, grupo de apoio psicológico, palestras informativas, visitas hospitalares, atividades recreativas, vendas de camisetas, artesanatos e caminhada contra o câncer de mama.

Atende a pessoas de diversas regiões de São Paulo e de outros Estados, em busca de apoio num dos momentos mais difíceis da vida de uma mulher: quando recebe o diagnóstico de câncer de mama.

Foi nesse local tão significativo que Ideli me recebeu. Muito gentil, sempre exibindo brilho e um grande sorriso.

A entrevista mal começa e dona Ideli, que logo no início já se torna Ideli, me mostra a foto de uma moça de 32 anos com câncer de mama, que procurou a ONG. É assim que entro em contato com a história de vida dessa mulher invejável, guerreira, feliz e aberta, uma mulher disponível e pronta para viver. Seja lá o que for.



Por: Alessandra Anselmi

Portal – Seus dados pessoais, por favor.

Ideli - Meu nome é Ideli Anselmi, tenho 62 anos. Trabalhava na Firestone e me aposentei lá, mas sempre quis fazer serviço de voluntariado. Trabalhava na folha de pagamento da empresa, e as pessoas sempre falavam que não servia para trabalhar em ONG, era “muito delicadinha”.

Certa ocasião, fizemos uma festa na empresa e convidamos algumas creches. Aí aconteceu um problema com uma criança e a mulher, a encarregada da escola, colocou um menino de castigo. Ele chegou para mim chorando e falou: “Tia, me tira do castigo”. Fui falar com a diretora da escola, mas ela justificou dizendo que ele tinha sido muito malcriado. Eu respondi: “Mas hoje não é dia disso. Hoje tem pipoca, tem palhaço, imagina... O menino vai ficar de castigo logo hoje?! Então comecei a chorar. Mas chorei, chorei, a festinha para mim acabou de tanto que chorei. Daí falei para mim mesma: “É, acho que eles têm razão, não sirvo para fazer voluntariado”. Se por causa disso, uma criança de castigo, já fiquei desse jeito... E trabalhar numa creche, então?! Vou derreter, vou morrer... Até que tive o câncer.

Portal - Como descobriu?

Ideli - Foi meu companheiro na época quem descobriu. Ele falava que meu mamilo havia começado a retrair: “Está diferente isso”, ele dizia. E eu já tinha passado dos 50. Falei assim: “Ah... acho que estou ficando velha, vai murchando, né?”. Mas ele sempre batia na mesma tecla, até que resolvi pesquisar na internet. Foi quando encontrei, estava lá, era um dos sintomas: o mamilo retraído. Aí, na mesma hora, marquei uma consulta com o ginecologista. Estava com 52 anos.

Portal - Ia regularmente ao ginecologista?

Ideli - Sim, mas havia mais de um ano que não fazia os exames, um ano e meio. A gente, quando trabalha fora, fica sempre adiando a ida ao médico. Pensava: “Ah... não deu para ir”. Remarca a consulta. Não dá novamente. Remarca. A gente sempre põe o serviço em primeiro lugar, e numa dessas foi que aconteceu isso, o câncer. Mas graças a Deus tenho uma filha superbem

informada. Liguei para ela e falei: “Filha, a mãe realmente está com câncer, mas não se preocupe que não vou morrer disso”. Ela disse: “Onde você está?” Respondi: “Estou no shopping”. Porque dali a uma semana eu faria aniversário, e a minha irmã disse que me daria um relógio. “Estou no shopping escolhendo meu presente de aniversário”.



Por: Alessandra Anselmi

Portal - Hoje, pensando sobre tudo isso, acha que essa positividade e alegria fizeram diferença?

Ideli - Muita diferença, toda diferença, porque a gente não pode se deixar abater. Se não levar por esse lado, acho que a pessoa vai embora rapidinho. Para mim, o câncer é isso, má-formação das células. O seu estado de espírito interfere demais, o emocional interfere muito, é impressionante. Então, se não souber levar, adquire outras doenças, e aí ninguém vai ter paciência com você mesmo. Mas sempre levei a vida assim, mais ou menos na brincadeira, viver o hoje como se fosse o último. A Alessandra, minha filha, falou: “Mãe, marquei uma consulta para você no Hospital do Câncer com um dos médicos mais renomados de lá”. Respondi: “Nossa, mas precisa ser lá?”. Ela argumentou: “Lá é o único hospital que faz a mastectomia, eles fazem a reconstituição da mama durante a cirurgia”.

Portal - Fez a mastectomia?

Ideli - Mastectomia total em uma mama. Aí eles colocaram uma prótese de silicone. É assim: sai a equipe de oncologia e entra o cirurgião plástico. Não fiz radioterapia. Meu médico falou: “Está jovem, bonita”. Então, ele me deu só a quimioterapia. Não sei o que ele viu, mas não havia necessidade da radio.

Quando o médico decide pela radioterapia, aí tem que esperar para colocar a prótese. Em alguns hospitais, pelo SUS, você fica numa fila de espera, às vezes de dois a três anos, para refazer a mama.

Portal - A cirurgia e a plástica foram feitas pelo plano de saúde?

Ideli - Tudo pelo plano, no Hospital do Câncer. Naquela época não se ouvia falar muito de câncer de mama. Agora o “negócio” alastrou.

Portal - Como você e sua família enfrentaram o tratamento?

Ideli - As sessões de quimioterapia duraram de quatro a cinco meses; sempre a cada 21 dias, uma aplicação. Minha irmã, principalmente, foi muito importante a presença dela. Ela me acompanhava ao hospital, e eu não via a hora de chegar em casa. Aí me deitava e aquele tremor incontrolável. Vinha minha irmã e já me aquecia bem. E depois, no dia seguinte, sentia uma ânsia...! Você passa muito mal. Na verdade, minha irmã e minha filha foram muito importantes no tratamento. Acho que nessa hora o apoio da família, o apoio emocional, é fundamental no processo de retomada da vida, da cura. Ainda bem que minha filha se instruiu, porque na hora que ela falou que tinha marcado no Hospital do Câncer... Nossa, eu pensava: “Será que vou ter que tirar a mama, ficar sem seio?”. Sabe quando se está meio por fora, parece que não quer acreditar, mas acho que lidei bem com isso.

Portal - Nessa época estava namorando?

Ideli - Ah... Acho que não era apaixonada. Aí foi só um pretexto para terminar, porque não sabia das coisas direito, de como ficaria. Pensava: “Vou passar por cirurgia”. E ele não frequentava a minha casa; então ficava uma coisa constrangedora. O namoro era mais uma coisa para me preocupar. Como não era apaixonada, então pensei: “Vamos terminar aqui”. Foi decisão minha. Nessas horas a gente tem que procurar forças. Mas, graças a Deus, tive bastante.

Portal - Até para tomar essa decisão, porque era uma companhia...

Ideli - É verdade, era uma companhia, exatamente. Não foi uma decisão fácil, mesmo porque ele era mais apaixonado do que eu. Ele ficou mais de ano, dois, três anos, me ligando todos os dias. Ele queria saber como eu estava. Demorou para lhe fazer uma visita. Mas fui e ficou só nisso.

Portal - Como a ONG entrou em sua vida?

Ideli - Eu trabalhava na Firestone, e uma das minhas amigas de lá falou: “Ideli, a minha tia trabalha numa ONG de câncer de mama, ela é voluntária, aqui em Santo André”. Ela me deu o endereço, mas não vim aqui porque, sabe quando acha “eu me saí tão bem”, e tinha a esperança de voltar a trabalhar.



Portal - Já estava aposentada quando descobriu o câncer?

Ideli - Não. Trabalhei 25 anos lá, e quando adoeci o meu diretor queria me mandar embora. O negócio era assim: se acionasse a empresa o problema era meu, tinha que ir atrás. Aí meu chefe falou para ele: “Não, a gente não pode mandar a Ideli embora, porque ela tem certa proteção da lei enquanto estiver em tratamento”. O diretor respondeu: “Então deixa ela aí, afastada. Quando ela voltar, a gente manda ela embora”. Porque eles queriam efetivar uma pessoa e colocar essa pessoa no meu lugar. Quando voltei a trabalhar, fiquei hiperfeliz, porque os médicos me falaram: “Nossa, dona Ideli, agora a senhora vai sarar, agora a senhora vai voltar a trabalhar, a senhora não vai mais lembrar de doença nenhuma”. E quando voltei, o pessoal da empresa me alertou que já tinha tempo de aposentadoria e que iriam me mandar embora. Pensei: “Então, tudo bem”. Dei entrada no processo em 1º de fevereiro, e no dia 15 já estava aposentada. No final do mesmo mês me mandaram embora. Fiquei muito arrasada, porque queria continuar no trabalho. Mas aí uns amigos iam viajar e pensei: “Ah... Quer saber de uma coisa? Vou chorar minhas lágrimas com eles”. Fui para o Peru, conhecer Machu Picchu, e foi lá que chorei minhas mágoas. Acha que poderia ficar triste com tudo isso? Inverti aquilo que estava me deixando triste. Foi uma benção, porque pude ir para o Peru, e ainda com uns amigos maravilhosos. Amigos que não me abandonaram durante o tratamento. Eles vinham todo mês, faziam reuniões na minha casa, aquele, como fala mesmo?... o happy hour, até festinha de Natal. Eles não me

abandonaram. E assim, aquele problema, de não mais trabalhar, já não me fazia mais sofrer.

Portal - É sempre muito positiva, mesmo em momentos difíceis?



Por: Alessandra Anselmi

Ideli - Sempre fui assim. Na quimioterapia tinha o rosto cheio de vasinhos vermelhos, fiquei muito pálida. Mas achava linda a minha pele, a pele que queria ter. Abusava de brinco, de batom, de sombra, achava que o meu rosto ficava tão bonito! Então, realmente aproveitei todos os estágios, tirei proveito de tudo mesmo.

Portal - E a ONG, vamos falar dela?

Ideli - Claro... Quando estava fazendo a quimioterapia, passava mal uma semana, mas na outra estava bem. Um dia, estávamos eu e minha irmã no shopping aqui em Santo André, quando a ONG estava fazendo a campanha do câncer de mama. Era um congresso com alguns médicos dando palestras, aí a Marina e a Márcia me viram, correram na minha direção e me perguntaram: “O que é que você tem?”. Falei que era câncer de mama. Elas disseram: “Nossa, a gente é da ONG”. Naquele dia mesmo deixei o lenço de lado, assisti a palestras. Estava em pleno tratamento. Foi assim que vim conhecer o lugar. Amei isso aqui, sabe? Mas depois fiquei triste porque teria que voltar a trabalhar. Mas disse a elas: “O dia que não estiver mais trabalhando, volto para trabalhar com vocês”. Como a quimio já tinha terminado, logo depois a empresa me dispensou. Aí vim para cá e não saí mais da ONG. Estou aqui desde 2004, um ano depois da cirurgia, que foi em 2003.

Portal - Como é o trabalho de voluntária?

Ideli - Estou na ata da diretoria como secretária, mas não faço o serviço de secretária, quer dizer, a gente faz um pouco de tudo. Fico aqui no primeiro atendimento. A mulher chega e preenche uma ficha. Nesse momento vou perguntando algumas coisas para ela, e já vai desabando, e eu conhecendo um pouco mais a pessoa.

Portal - Essas mulheres vêm à ONG exatamente à procura do quê?

Ideli - Elas procuram a felicidade, elas querem a felicidade de volta. Umas chegam aqui arrasadas, o marido abandonou. Mas, nesses casos, acredito que a relação, o casamento, já tinha terminado, e aí ele não suportou isso, o câncer, ou melhor, aproveitou isso para ir embora. Infelizmente é uma hora muito cruel. Acho que o homem poderia esperar um pouco, sei lá, pelo menos em consideração aos filhos que tiveram juntos, o tempo que viveram juntos, porque tudo isso é difícil para a mulher. Elas chegam aqui, assim, essa de 32 anos é uma [mostra a foto], tem uma filha de 15 e uma criança de 7 anos. Ela foi abandonada pelo marido. Mas pode notar o semblante dela na foto, aqui já

estava bem melhor. Muitas entram arrasadas. Elas vêm à procura de prótese de mama, porque há algumas que não querem fazer a cirurgia. Algumas mulheres retiram muito tecido da mama, aí não dá para colocar uma prótese. O que tem que fazer, nesse caso, é tirar a pele de outro lugar do corpo. E são cirurgias demoradas, a mulher não aguenta fazer, e tem sempre um risco. No meu caso, não precisei extrair pele de outro lugar. Na época, tive que fazer três cirurgias na outra mama, na mama boa, para diminuir e chegar ao tamanho da outra. Mexi três vezes na mama que não tinha problema. Ainda brinquei com o médico: “Na era dos seios grandes, vou ficar com o seio menor ainda?!”. Ele respondeu: “Infelizmente não é possível colocar uma prótese maior”.



Portal - Mesmo num momento tão delicado, ainda tem humor para brincar com o médico?

Ideli - Sabe, agora relaxei, acho que uma pessoa aposentada pode tudo e ainda mais uma que teve câncer... não é?! Quando vou ao salão fazer a mão e o pé, e a manicure dá uma picotadinha, falo brincando: “Ai, pelo amor de Deus, sou aposentada, não quero sofrer, faz com capricho, por favor. Não quero sentir dor”. Depois da cirurgia, para não sentir aquela ânsia toda, comecei a comer. Enquanto a gente come, não sente mal-estar. Exagerava tudo. Ficava o dia inteiro comendo, aí acabei engordando. Foi assim que resolvi fazer uma lipoaspiração. Tudo mundo dizia: “Você é louca. Onde já se viu fazer uma lipo?!”. Minha filha mesmo foi contra. Mas, ah, dá licença, se tive coragem de entrar no hospital para tirar uma mama, não vou ter coragem de fazer uma lipo?! Mas, olha, o que não sofri na cirurgia da mama sofri com a lipo, realmente é muito dolorido. Mas estou aqui, fiz o que queria.

Portal – Sente-se satisfeita com seu trabalho na ONG?

Ideli - Adoro atender as mulheres, me sinto um pouco mãe de todas elas. Acho que posso dar um jeito na felicidade delas. Não me deixei sofrer pelo câncer. Então quero que todo mundo aja dessa forma, procuro ajudá-las. Teve uma que me ligou uma vez, ela estava muito triste. Eu lhe disse: “Venha nos conhecer, e você nunca mais será a mesma pessoa”. Hoje, ela ri tanto com isso... Quando ela dá depoimento, fala de mim, que fui um anjo na vida dela, se não fosse eu não sabe o que teria acontecido. Provavelmente teria entrado em depressão. A gente sai muito aqui na ONG. Somos convidadas para coquetel, palestras, em muitos lugares.

Portal - Esse trabalho ampliou suas relações?

Ideli - Com certeza, bastante. Sou dessas pessoas de fazer uma amizade e continuar. Tenho amigas desde que tinha dez anos de idade. Conservo as minhas amigas. E adoro vir aqui, cuidar das mulheres, colocar uma prótese de mama nelas, uma peruca, ouvi-las. Olho para elas e já sei qual o tipo de peruca vai ficar bem. Esse é um trabalho que faz parte da minha vida. Sempre fui muito vaidosa. Até maquiagem faço nelas. Elas saem daqui renovadas.

Portal - O encontro provoca uma enorme transformação, não é?

Ideli - Só em um encontro já faço isso. É lógico que a gente tem um grupo de apoio. Peço para elas continuarem vindo. Quero que participem da reunião de apoio. No final de tudo, acabam saindo voluntárias da ONG. Isso para nós é uma grande satisfação, porque é o resultado do nosso trabalho. Há uns dois anos fiz uma reportagem para a Rede Globo. A repercussão foi tanta que muitas pessoas do restante do país vieram buscar prótese com a gente. Uma vez veio um casal de Goiás conhecer a ONG. O marido falou: “Quando a senhora disse que colocando a prótese a mulher ergue seu semblante...”. Ele disse isso porque as mulheres chegam aqui com o corpo curvado, a bolsa do lado operado, dores nas costas e nos ombros. Só de colocar a prótese elas endireitam o ombro, acabando as dores e aquela postura deprimida. Esse homem me disse que se emocionou no dia da minha entrevista: “Chorei quando vi a senhora falando aquilo, porque vivia levando minha mulher ao médico, ela não aguentava de dor nas costas, no ombro, e quando a senhora falou aquilo, pensei: “Meu Deus!”. No fim, a questão não é só estética.



Por: Alessandra Anselmi

Portal - Quais são seus planos para o futuro?

Ideli - Não tenho muitos. Mas aqui na ONG a gente tem o sonho de ter uma casa, batalhamos muito por isso, porque a ONG, pelo fato de os espaços serem pequenos, fica toda espalhada. Vê o tamanho desta sala? Chegam duas mulheres aqui, geralmente elas vêm acompanhadas, e nós gostaríamos de ter uma sala em que elas pudessem ficar mais à vontade, com mais conforto para experimentar o sutiã, a prótese, a peruca. Temos outra sala em São Bernardo

do Campo onde são feitas as próteses, o artesanato também fica em São Bernardo, e um brechó em outro bairro aqui em Santo André. Então, está tudo espalhado. Se nos oferecem uma porta, lá estamos, mas a gente gostaria de ficar com tudo junto, seria ótimo.

Portal - Realmente a ONG faz mesmo parte da sua vida. Perguntei dos seus planos, e você falou: “Nós temos um sonho”. É admirável isso.

Ideli - A gente aqui se sente como uma família. É claro que temos nossas brigas, não é só beijinho. Onde só tem mulher, né, já viu, dá nisso! Eu brinco com o pessoal aqui: “Ainda vou fazer parte da ONG de câncer de próstata, vou abandonar vocês, e vou para o outro lado ver se fica melhor”. Mas meus sonhos são pequenos, gosto muito de viajar, gostaria de poder viajar mais.

Portal - Existe diferença entre a Ideli de antes e a Ideli de hoje?

Ideli - A Ideli de antes era cabeça fresca. A minha mãe costuma falar: “Para trabalhar você é um gatinho, para sair é um leão”. É que adorava passear, isso antes. Hoje, acho que fiquei duas vezes pior, gosto mais ainda de passear, mas a única coisa que mais agradeço é de ter encontrado a ONG. Não sei como estaria se não tivesse vindo para cá, se teria me deixado abater, deprimida, não sei. Mas acho que sempre tive uma força dentro de mim. Independentemente da ONG, da importância que ela tem na minha vida, sempre tive uma postura positiva na vida.

Luciana Helena Mussi - Engenheira, Psicóloga e Mestranda em Gerontologia pela PUC/SP. Colaboradora do Portal do Envelhecimento e Assistente-Editorial e Revisora (gramatical, de formatação e revisora técnica da língua estrangeira) da Revista Kairós Gerontologia. E-mail: lh0404@terra.com.br

Alessandra Anselmi - Profissional de Comunicação e Marketing formada em Relações Públicas pela Metodista em 1996 e em Marketing e Vendas pela Anhembi Morumbi em 2012. Mais de dez anos de experiência em Comunicação, Marketing e Eventos, atuando também com Locução e Fotografia. Atualmente trabalha como repórter fotográfico para o Portal do Envelhecimento e é responsável também pela Comunicação e Marketing da Ong OLHE - Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento. E-mail: a.alesp11@gmail.com